

O SINDICATO DOS MÚSICOS-CENA saúda o Público na última récita da ópera *Don Carlo* de Giuseppe Verdi. Desejamos que desfrutem, como os Artistas e todos os envolvidos, desta magnífica obra-prima, que nos continua a interpelar no modo como põe em jogo as forças e fraquezas das **instituições** humanas, e das **peessoas** que dedicam as suas vidas a lutar por elas - ou contra elas.

Esta ópera é recriada pelos Corpos Artísticos do OPART, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, acompanhados, no espírito desta mensagem pela Companhia Nacional de Bailado. Por detrás deste trabalho está ainda todo um aparelho invisível, mas indispensável, de Técnicos e Administrativos. Em cada um destes sectores as pessoas têm mantido um empenho e criatividade indefectíveis, através de anos de progressiva desorçamentação.

Com maior ou menor sucesso as produções que chegam à cena no Teatro de S. Carlos são a sua razão de ser, a concretização do trabalho de Artistas, Técnicos e Administradores, na sua missão Serviço Público consagrada na lei:

- **Proporcionar o acesso às Grandes Obras**
- **Dar a conhecer as obras do Repertório Nacional, de restrita presença nos catálogos discográficos**
- **Apoiar a Criação Contemporânea**

Já durante os anos que foram, para muitos, os melhores da história do Teatro de S. Carlos (ex. artigos de Jorge Callado no *Expresso*), os recursos disponíveis eram cada vez menores. Recorde-se a criação da OPART em 2007 então apresentada pela tutela como o modelo que iria libertar recursos para mais e melhores produções. Ainda antes da actual CRISE, todas as estruturas deste teatro foram sendo re-organizadas, a sua eficiência aumentada, a sua capacidade de suprir a falta de meios elevada a um ponto sem comparação com o funcionamento normal dos seus congéneres europeus. Através destes anos o S. Carlos nunca deixou de ser o lugar de experiências artísticas inesquecíveis, memórias partilhadas por todos, os que fizeram e os que assistiram: entre muitos outros podemos recordar o *Fidelio* de Beethoven; as quatro jornadas do *Anel do Nibelungo* de Wagner; a *Katia Kabanova* de Janacek; cremos que a presente produção do *Don Carlo* integra já esse conjunto de eventos memoráveis.

Neste momento as pessoas que fazem o S. Carlos e CNB enfrentam uma nova realidade:

O orçamento do OPART para 2012, mais uma vez reduzido atinge, pela primeira vez na sua história, um valor que é efectivamente inferior aos custos fixos de funcionamento. Deixa assim de existir qualquer verba para produção.

Note-se que o valor destes custos fixos já é no S. Carlos e CNB muito **inferior à média europeia**, e nomeadamente ao praticado nos teatros que nos são mais próximos, Madrid e Barcelona.

Este corte é aqui aplicado cegamente a um organismo que, apenas por simples e arbitrária decisão administrativa, partilha do estatuto legal de EPE. Rigorosamente mais nada da sua natureza assemelha o OPART às outras EPEs: com necessidades de planeamento e funcionamento muito específicas, o OPART é diferente também na escala comparativamente reduzida das verbas que movimenta, e, sobretudo, na sua condição histórica de membro de um mercado desde sempre GLOBALIZADO.

Permitir o funcionamento do aparelho sem lhe permitir que cumpra a sua razão de ser é uma forma de asfixia por absurdo.

Perante esta situação excepcional está neste momento em curso uma urgente reflexão interna. A única maneira de encontrar algum dinheiro para produções parece ser, neste momento, **retirá-lo às remunerações dos trabalhadores**. Sob a forma de **reduções** que irão agravar as severas medidas gerais de austeridade, ou num cenário impensável de **LAY-OFF**, os trabalhadores do S. Carlos e Companhia Nacional de Bailado preparam-se para ser MECENAS DO SEU PRÓPRIO TRABALHO. A contratação de solistas, maestros e encenadores, cenários e guarda-roupas, só poderá acontecer se fôr paga pelos próprios trabalhadores.

A vocação do S. Carlos e CNB identifica-se completamente com a vocação das pessoas que lá trabalham. Os dias e anos de preparação e aperfeiçoamento, o saber adquirido e o esforço feito na superação das circunstâncias são assim frustrados, num desperdício de capacidades sem precedentes.

Creemos que esta será uma situação inédita, e só muito dificilmente sustentável. Apelamos a que a tutela volte a **examinar a história das reduções de custos no TNSC e CNB**, e que reavalie o sentido de mais este corte num organismo que está já reduzido à sua dimensão essencial, ficando assim impedido de funcionar.

O SINDICATO DOS MÚSICOS-CENA saúda o Público na última récita da ópera *Don Carlo* de Giuseppe Verdi. Desejamos que desfrutem, como os Artistas e todos os envolvidos, desta magnífica obra-prima, que nos continua a interpelar no modo como põe em jogo as forças e fraquezas das **instituições** humanas, e das **pessoas** que dedicam as suas vidas a lutar por elas - ou contra elas.